



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- PORTUGUÊS**

CICLEIDE VENÂNCIO DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE LETRA DE FUNK: UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO**

**GUARABIRA
2021**

CICLEIDE VENÂNCIO DOS SANTOS

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE LETRA DE FUNK: UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras-Habilitação Português.

Área de concentração: Linguística e Ensino.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Karla Valéria Araújo Silva

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237v Santos, Cicleide Venâncio dos.
A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA A PARTIR DE LETRA DE
FUNK [manuscrito] : UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
PARA O ENSINO MÉDIO / Cicleide Venâncio dos Santos. -
2021.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva ,
Departamento de Letras - CH."
1. Variações Linguísticas. 2. Preconceito Linguístico. 3.
Proposta de intervenção. 4. Letra de Funk. I. Título
21. ed. CDD 306.44

CICLEIDE VENÂNCIO DOS SANTOS

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE LETRA DE FUNK: UMA PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras Português da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras- Habilitação
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística e Ensino.

Aprovado em: 06/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Karla Valéria Araújo Silva

Prof.^a. Esp. Karla Valéria Araújo Silva (UEPB)
Orientadora

Danielle dos Santos Mendes Coppi

Prof.^a. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (UEPB)
1º Examinador (a)

André Luiz Souza da Silva

Prof. Esp. André Luiz Souza da Silva (UEPB)
2º Examinador (a)

Nunca foi sorte, sempre foi Deus!
Por isso: Ao meu Paizinho celestial que
nunca me abandonou;
Aos meus pais pelo incentivo,
determinação e ensinamentos;
Às professoras Danielle Mendes e Karla
Valéria que foram e sempre serão fontes
de inspiração, DEDICO.

“Tudo o que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser. E essa razão de ser não tem nada a ver com a preguiça o descaso, a corrupção moral, a falta de inteligência, a mistura de raças, e outras alegações preconceituosas que vêm sendo repetidas desde antes de Cristo.”

Bagno (2009)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	08
2.1	A variação como fenômeno dinâmico da língua	11
2.2	Que tipo de variações linguísticas existem?.....	14
3	O ENSINO DE PORTUGUÊS E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	17
4	METODOLOGIA	20
4.1	Proposta de intervenção a partir do funk.....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS.....	23
	APÊNDICE	25
	ANEXO	26

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE LETRA DE FUNK: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

THE LINGUISTIC VARIATION IN THE LETTERS OF FUNK: AN INTERVENTION PROPOSAL FOR HIGH SCHOOL

CICLEIDE VENÂNCIO DOS SANTOS¹

RESUMO

A partir dos conhecimentos sobre a heterogeneidade da língua, o presente trabalho visa abordar a temática das variações linguísticas com o objetivo de propor uma intervenção, contextualizada ao gênero funk, que possa ser aplicada em sala de aula em turmas do ensino médio. Nossa principal motivação para a produção deste trabalho, é a promoção da desmitificação e a desconstrução do chamado preconceito linguístico a partir de uma reflexão sobre a dinamicidade da língua e dos fatores responsáveis pelas suas variações. Para tanto, iremos propor um momento pedagógico através do gênero musical funk, com o intuito de utilizá-lo como ferramenta de aprendizagem em sala de aula, demonstrando para os alunos o quanto nossa língua é diversificada e variável. No decorrer deste trabalho, também iremos enfatizar a importância de conhecer a nossa língua materna tanto por parte dos alunos como também dos professores, bem como abordar os conceitos teóricos e práticos de cada tipo de variação. Dessa forma, a presente pesquisa, que é de cunho qualitativo, tem como suporte teórico, autores como: Antunes (2009), Bagno (2007; 2009; 2013), Bortoni- Ricardo (2004), Câmara Jr. (2011), Cezario & Votre (2011), entre outros. Esperamos que as discussões apresentadas, bem como a proposta de intervenção, sejam significativas tanto para os docentes quanto para os estudantes, no que diz respeito à abordagem das variações linguísticas.

Palavras-chave: Variações Linguísticas. Preconceito Linguístico. Proposta de intervenção. Letra de Funk.

ABSTRACT

Based on the knowledge about the heterogeneity of the language, this paper aims to address the theme of linguistic variations in order to propose an intervention that can be applied in the classroom in high school classes. Our main motivation for the production of this work is to promote the demystification and deconstruction of the so-called linguistic prejudice based on a reflection on the dynamics of the language and the factors responsible for its variations. To this end, we will propose a pedagogical moment through the funk musical genre in order to use it as a learning tool in the classroom, demonstrating to students how much our language is diverse and variable. In the course of this work, we will also emphasize the importance of knowing our mother tongue by both students and teachers, as well as addressing the theoretical and practical concepts of each variational type. Thus, this research, which

¹ Graduanda em Letras-Habilitação Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba-Campus III. E-mail: cicleide.santos@aluno.uepb.edu.br

is of a qualitative nature, is supported by theoretical foundation, authors such as: Antunes (2009), Bagno (2007; 2009; 2013), Bortoni- Ricardo (2004), Câmara Jr. (2011), Cezario & Votre (2011), among others. We hope that the discussions presented, as well as the intervention proposal, will be significant for both teachers and students, with regard to addressing linguistic variations.

Keywords: Linguistic Variations. Linguistic prejudice. Intervention proposal. Funk.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em língua não tem como não relacionarmos aos falantes que fazem o uso dela e, conseqüentemente, a sociedade na qual tais falantes estão inseridos. Em uma sociedade com cultura, povos, regiões e especificidades tão diversas, seria incoerente que em sua língua também não houvesse essa diversidade, uma vez que a língua é dinâmica, heterogênea, se molda e transforma constantemente de acordo com a necessidade e mudança histórica e social (ANTUNES, 2009). Com essa diversidade, é comum encontrarmos fatores que contribuem para que a língua mude, varie e sempre esteja em um processo de transformação, adequação e adaptação constantes.

Nessa dinâmica, podemos destacar a ação variacional, ou seja, as variações linguísticas, nas quais temos como fatores influenciáveis: a idade, a regionalidade, o status social, o nível de escolaridade do falante, entre outros. Para alguns, tais variações são consideradas apenas como meros “erros gramaticais” e, conseqüentemente, como a “forma errada de falar”, a linguagem discriminada, que eventualmente encaminha para o chamado preconceito linguístico.

Considerando essas questões, surge a escrita deste artigo, tendo como principal motivação a promoção de reflexões linguísticas que possibilitem uma abordagem sociolinguística. Assim, buscaremos ao longo do nosso estudo, discorrer sobre a desconstrução do preconceito linguístico estereotipado pelo viés do “certo e errado”, e para tanto, teremos como objetivo geral apresentar uma proposta de intervenção a fim de discutir a temática da variação linguística através do gênero musical funk em uma sala de aula do ensino médio. Como objetivos específicos pretendemos: a) discutir sobre a concepção das variações linguísticas, bem como o preconceito linguístico; b) apresentar os principais fatores que apontam para este tipo de preconceito tanto em sociedade quanto no contexto educacional; c) demonstrar como o gênero musical funk pode ser viável para explorar essa temática.

Entendemos que este trabalho poderá contribuir com o público docente pelo fato de apontar uma proposta que seja viável para ser desenvolvida em sala de aula, por meio da qual seja possível que os alunos possam ter uma consciência crítica e reflexiva da dinamicidade da língua. Percebemos o quanto esta temática já vem sendo explorada ao longo dos anos e pudemos constatar essa realidade através das pesquisas anteriores a realização deste trabalho. Acerca disso, fizemos um levantamento no banco de dados do Google Acadêmico e realizamos um estado da arte, na ocasião, foram encontrados alguns trabalhos na área, porém não muitos, principalmente com o gênero musical funk². Foram encontrados alguns trabalhos na

² Bezerra (2013), Castro (2015), Souza & Andrighetti (2015).

área da sociolinguística, porém, relacionadas com outros estilos musicais, tais como o forró³, por exemplo.

Assim, para o desenvolvimento e fundamentação das nossas discussões, tivemos como suporte teórico autores renomados na área, tais como Antunes (2003, 2009), Bagno (2007, 2009, 2013), Bortoni-Ricardo (2004, 2008), Cezario & Votre (2011), Cunha (2011), Kenedy (2011), Weedwood (2002) dentre outros. Dessa forma, nosso estudo se enquadra no viés qualitativo de caráter interpretativista. Ademais, este trabalho apresenta a seguinte organização: De início, discutiremos brevemente sobre a perspectiva de algumas correntes linguísticas anteriores ao surgimento da Sociolinguística; em seguida, daremos continuidade de forma mais aprofundada conceituando o fenômeno variacional, e logo após iremos analisar e demonstrar os tipos de variações existentes na língua bem como o tema preconceito linguístico que cercam tais variantes. Por fim, iremos demonstrar como pode ser aplicada uma atividade de intervenção a partir do gênero musical funk e como tal gênero pode contribuir de forma significativa para em uma abordagem acerca da heterogeneidade da língua.

2 LINGUÍSTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS: UM FOCO NA SOCIOLINGUÍSTICA

A língua sempre foi objeto de pesquisa e análises, e com a língua portuguesa não é diferente. Muitos estudiosos a tinham como um fator interessante para pesquisas de cunho teórico, porém, até o século XX a mesma ainda não possuía uma área específica de estudo, que se dedicasse exclusivamente a sua sistematização, ou seja, uma ciência propriamente dita, na qual fosse responsável exclusivamente e buscasse aprofundar tais conhecimentos. Alguns filósofos contribuíram para que ocorresse seus marcos iniciais em alguns estudos relacionados à língua no século XVIII, mas em seguida surge o método comparativo no primeiro semestre do século XIX, no qual pode ser considerado como um momento pré-linguístico, ou seja, momento em que antecedeu os estudos linguísticos de caráter científico.

Neste estudo de método comparativo, a língua era vista por uma perspectiva ainda superficial, na qual como o próprio nome já diz buscava através de teorias comparatistas, comparar a evolução histórica, adaptativa, genealógica e transformadora da língua. Assim, estabelecia-se relações entre a maleabilidade e dinamicidade da língua, bem como sua adaptação no decorrer do tempo, seus parentescos, origens, suas descendências e ligações linguísticas com suas raízes nativas. Um dos grupos de estudiosos deste método foram os filólogos comparativistas que tiveram o interesse inicial de analisar as origens de cada língua e puderam chegar à conclusão de que algumas teriam sido descendentes do latim, por exemplo. Segundo WEEDWOOD (2002, p.103),

O fato de as línguas românicas descenderem do latim e assim constituírem uma “família” era coisa sabida havia séculos. Mas a existência da família linguística indo-europeia e a natureza de sua relação genealógica foi

³ Souza (2012), Sá & Sobreira (2014).

demonstrada pela primeira vez no século XIX pelos filólogos comparativistas.

Mais adiante, surgem os estudiosos conhecidos como os neogramáticos que tinham uma perspectiva diferente em relação ao processo linguístico. Para eles, a produção e mudança linguística estavam relacionadas ao indivíduo, seus processos fonéticos, fisiológicos, sua individualidade e bagagem de discursos realizados em seus contextos anteriores de comunicação, suas representações sonoras, cognitivas e sua comunidade de fala, a este processo era denominado o termo: analogia. Para Câmara Jr. (2011, p. 94):

A analogia era vista como a única exceção possível nos resultados da lei fonética. A mente humana, associando formas distintas por seus significados ou semelhança de sons, foi vista como capaz de interferir no desenvolvimento natural de sons, contrariando a esmagadora força de uma lei fonética no caso de algumas formas, postas em associação mental com outras formas, bastante diferentes, que resultaram de outras leis fonéticas.

Logo após este período, surgem novas correntes linguísticas, com novas perspectivas, teorias e ideologias diferentes. A primeira a demonstrar seus primeiros sinais é denominada de Estruturalismo, seu grande precursor é Ferdinand de Saussure que teve seus conhecimentos científicos divulgados por meio de seus alunos, através do livro Curso de Linguística Geral no ano de 1916. Nesta obra, o linguista defendia o estudo da língua enquanto um sistema de signos ditados por regras estruturais. Esta corrente, por sua vez, estabelece as dicotomias que se classificam como língua e fala, significante e significado, paradigma e sintagma, diacronia e sincronia. Tal corrente pode ser considerada como uma das mais importantes, pois foi a partir do linguista Saussure que o estudo da língua passou a ser científico dando à linguística o status de ciência. Para Saussure, a língua deveria ser estudada de maneira isolada pois, a considerava como homogênea. Dito isso, é válido salientar que seu objeto de estudo não era o discurso em si, mas a forma sistemática e estrutural que a língua apresentava.

Eis que surge ainda no século XX, a segunda corrente teórica e linguística conhecida como Gerativismo que teve como grande referência e também precursor Noam Chomsky. Para esta corrente, a língua era algo inerente, natural e inata ao ser humano (KENEDY, 2011), fazendo contraposição à teoria behaviorista que defendia que o discurso reproduzido pelo falante nada mais é que um conjunto de repetições, de hábitos criados no contexto em que o discurso é produzido. Para o Gerativismo, a língua não é algo que o indivíduo adquire ao longo da vida, pelo contrário é algo cognitivo que de certa forma é inerente ao processo mental e já vem pré-estabelecido ao “nascer”. Para Chomsky, a aquisição da linguagem não era adquirida por meio da interação social e sim pelo próprio processo cerebral do falante, pelo seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, ou seja, o falante estabelece uma relação intelectual e cerebral em cada situação comunicativa pois esse processo de fala é algo peculiar do seu sistema biológico, sistemático, não relacionado ao meio em que vive, mas ao seu desenvolvimento pessoal.

Como terceira corrente, temos o Funcionalismo que surge na segunda metade do século XX. Segundo Cunha (2011), é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação

entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Ou seja, para os funcionalistas a análise da língua não ocorre apenas pela sentença ou estrutura independente, para tais estudiosos a língua tem relação direta com a situação comunicativa em que o discurso é proferido, dependendo da situação uma mesma sentença pode modificar o sentido e, conseqüentemente, a mensagem que o interlocutor irá proferir, através de suas interações sociais. Nessa corrente, já era possível notar resquícios da relação entre língua e interação social, pois vê a linguagem como algo intrínseco a sociedade, ou seja, para eles não era possível não haver relação entre a língua e o contexto sociodiscursivo. De acordo com Cunha (2011, p.157) “os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade”.

Ao levar em consideração esse viés social, surge na segunda metade do século XX uma virada funcionalista, a partir da qual emergem diversas correntes investigativas delimitando diferentes objetos de análise, indo do aspecto fonológico ao discursivo. Nessa direção, surge então na década de 1960, as primeiras indagações em relação à teoria da mudança e variação que iniciou nos Estados Unidos liderada pelo linguista William Labov. A partir desta teoria, começa um interesse maior e mais específico de se estudar a língua por uma perspectiva mais social relacionada ao falante e aos fatores que contribuíam para que houvesse a mudança e a variação na língua. Tal área de estudo linguístico passou a ser denominada de Sociolinguística e como o próprio nome já diz, o estudo real da língua através do contexto social de interação, tendo como principal objetivo analisar a língua por uma perspectiva variacional.

De acordo com Bagno (2007, p. 38, grifos do autor),

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a *heterogeneidade linguística* com a *heterogeneidade social*. Língua e sociedade estão indissolivelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra.

Assim, para os sociolinguistas, as mudanças e variações que ocorrem na língua são algo que acontece naturalmente a partir da realidade das pessoas e situações e, por isso, são inerentes ao falante e à fala. Para essa corrente, a língua não pode ser observada e estudada de maneira isolada sem levar em consideração os fatores externos, sociais, culturais e regionais que fazem parte da vida dos falantes.

A Sociolinguística veio para reconsiderar paradigmas de certo ou errado impostos pela gramática normativa, sem deixar de lado a estrutura da língua, pois essa corrente tem como intuito abranger de forma mais ampla não apenas a estrutura gramatical, mas também as funções da língua em nosso cotidiano e de como as variantes linguísticas são comuns nele. De acordo com Cezario & Votre (2011, p.141) “[...] a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos [...]”, ou seja, o fenômeno variacional é algo natural ao falante, comum e corriqueiro e é a sociolinguística que irá abordar essa temática de forma científica, sem preconceitos e discriminações.

Um dos nomes mais conceituados nesta área, que possibilitou a credibilidade e visibilidade a essa ciência que se dedica ao estudo da língua relacionado ao contexto social foi William Labov. Ele foi um dos grandes precursores que demonstrou através de sua teoria variacionista a importância desta área de estudo. Sabemos que nosso país é composto por diversidades e nada mais justo que contemplá-las como algo positivo, e a Sociolinguística de certa forma surgiu com a motivação de explorar e abordar como essa diversidade também encontra-se aplicada na língua falada, tal como podemos notar na afirmação Cezario & Votré (2011, p. 144) que “A diversidade e a variabilidade são características inerentes aos sistemas linguísticos e passam também a ser objeto de estudo com o advento da sociolinguística”. Foi, portanto, através desta corrente que se consagrou as análises das variantes permitindo desconstruir a ideologia de que existe o “certo e o errado” em uma perspectiva de interação verbal. Em uma perspectiva gramatical teremos, sim, erros e problemas de escrita.

Como vimos nas correntes linguísticas anteriormente citadas, já havia estudos relacionados à língua desde a Antiguidade Clássica, porém, era nítido como seus focos principais de abordagem ainda eram relacionados a questões sistemáticas e como a língua ainda era vista apenas por uma perspectiva estrutural e gramatical, sem levar em consideração o uso e a funcionalidade linguística. Para a Sociolinguística é diferente, pois, não importa apenas o discurso proferido, mas também quem o profere, qual a história cultural e social que o cerca, entre outros fatores. Tudo isso porque, para Labov, não existe compreensão acerca da língua se não considerarmos a “vida social da comunidade em que ela se produz” (*apud* CEZARIO; VOTRE, 2011, p. 147). Para a Sociolinguística, a forma como o falante se apropria da língua está diretamente relacionada à sua necessidade ou ao processo de comunicação, ou seja, para o falante, a língua é um processo de inserção em sua comunidade de fala e, conseqüentemente, em sua sociedade.

No tópico a seguir, iremos refletir um pouco sobre os fatores que motivam a variação e a dinamicidade da língua.

2.1 A variação como fenômeno dinâmico da língua

Como sabemos, a língua é heterogênea, dinâmica e variável, e isto é completamente natural e compreensível, uma vez que vivemos em uma sociedade cheia de diversidades sociais e culturais. Assim sendo, Antunes (2003, p. 90) afirma que

[...] não existe língua uniforme, com um único e inalterável padrão de funcionamento. Todas as línguas variam naturalmente, de acordo com as diferentes condições da comunidade e do momento em que é falada. [...] Sempre foi assim e sempre será.

Se os próprios falantes da língua possuem características próprias e peculiares, por que com a língua seria diferente? Afinal, a língua em si é abstrata, sendo uma entidade que não existe no mundo real, o que existe são falantes que são sujeitos sócio-historicamente situados. Então, como resultado da dinamicidade e heterogeneidade, a língua também sofre corriqueiramente um processo de mudança

constante, ela sempre está em evolução e adaptação ao longo do tempo, e isso é completamente lógico e coerente.

Há alguns anos, nossa língua tinha como base resquícios ainda do português de Portugal, traços da chegada dos portugueses ao Brasil. Porém, com o decorrer do tempo, houve a necessidade de adequação aos novos conceitos de língua que iam surgindo de acordo com os falantes pois “enquanto tiver gente falando uma língua, ela vai sofrer variação e mudança, incessantemente” (BAGNO, 2009, p. 41). Para Bagno (2009), o processo de mudança da língua é algo intrínseco ao ser humano, uma vez que o falante tem a necessidade de se adaptar ao contexto social interativo, nada mais justo e coerente que se reinventar, se adequar às constantes transformações da língua. Esta, por sua vez, é um instrumento importante para os falantes, um objeto de inserção social, sendo o falante um dos responsáveis principais pelas mudanças que ocorrem na língua, não existindo língua sem falante, e isso deve ser levado em consideração, pois ambos são inseparáveis. Como podemos afirmar, de acordo com Bagno (2009, p.42, grifos do autor),

[...] *os falantes mudam a língua o tempo todo*. Porque é isso mesmo que acontece: somos nós, os falantes, que, imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de comunicação e interação. Não existe língua sem falantes. Por isso, não é “a língua” que muda - a língua, afinal, não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mítica... São os falantes, em sociedade, que mudam a língua. E essa mudança não é para melhor, nem para pior: é mudança, simplesmente.

As mudanças linguísticas não acontecem aleatoriamente ou sem nenhum motivo específico, elas são frutos de um conjunto de fatores que cabem a nós levarmos em consideração. Um deles, como já foi dito anteriormente, é a necessidade de o falante se expressar e ser entendido em seu processo comunicativo, pois, o entendimento, a compreensão e a interação é o que mais importa em um diálogo. Outro fator, é a forma como cada falante processa seu discurso em seu lado cognitivo e intelectual, como codifica, armazena e, consequentemente, reproduz. E também não poderíamos deixar de lado os fatores extralinguísticos que influenciam diretamente e inconscientemente em suas falas. Sobre esses pontos, a pesquisadora Bortoni- Ricardo (2004) afirma:

Em situações em que exijam mais formalidade, porque está diante de um interlocutor desconhecido ou que mereça grande consideração, ou porque o assunto exige um tratamento formal, o falante vai selecionar um estilo mais monitorado; em situações de descontração, em que os interlocutores sejam pessoas que ele ama e em que confia, o falante vai sentir-se desobrigado de proceder a uma vigilante monitoração e pode usar estilos mais coloquiais. Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando (p. 73).

Assim sendo, em conversas informais, é bem natural que os falantes procurem dar preferência à linguagem informal, utilizada em seu cotidiano, o que não quer dizer que em um contexto comunicativo mais formal, o mesmo não irá

adaptar e reproduzir uma linguagem mais suscetível a este ambiente, para isso existem as já mencionadas, adequações, também apontadas por Bortoni-Ricardo (2004).

A partir disso, percebemos que não deveria existir esse viés de certo e errado linguisticamente falando. Existem inúmeras formas de o falante fazer uso da língua, e inúmeras variações possíveis. Para alguns gramáticos - especialmente os normativos – a língua exclusivamente “correta” é a variante dita padrão, “cult” ou formal, neste caso não há espaços para tais variações, e tais ideologias são perpetuadas no âmbito escolar através da concepção de que para se “ensinar” a língua portuguesa deve ser abordada apenas a gramática padrão, normativa.

Ainda vivemos “presos” a uma ideologia ilusória de uma língua “perfeita” entrelaçada às raízes do modelo do português de Portugal, quando na verdade o nosso verdadeiro português brasileiro é deixado de lado, é esquecido. As variações linguísticas sempre foram vistas por uma perspectiva negativa relacionadas a um tipo de “erro” pelo sistema linguístico, pela sociedade e pela norma padrão, como se todos os falantes devessem seguir um modelo ditado por um determinado público. Mas, aos poucos, essa concepção vem se desconstruindo no âmbito educacional, porém, é um longo e árduo caminho a ser percorrido pelos profissionais da área, pois, ainda encontramos muita resistência por parte de alguns conservadores tradicionalistas que diferente da nossa realidade tiveram outro tipo de formação profissional, e isto é compreensível, pois sabemos que a área da Sociolinguística surgiu há pouco tempo, ainda é uma ciência nova para alguns, nem todos puderam ter contato com a mesma em sua formação acadêmica. Porém, vale dizer que há pouco tempo, os livros didáticos ainda abordavam a variação por uma perspectiva gramatical comparativa do certo e errado na língua, e até mesmo na atualidade ainda podemos encontrar alguns casos parecidos, isto apenas demonstra ainda mais o quanto o conceito de preconceito linguístico ainda está presente em nossa sociedade.

Quando falamos em usos da língua sabemos que nem sempre podemos fazer uso da gramática padrão em sua totalidade, nem mesmo em ambientes em que se faz necessário o uso da linguagem mais formal. É completamente impossível que até mesmo um gramático extremamente purista consiga absorver todo o conjunto de regras do sistema da língua portuguesa, por mais que o mesmo defenda um ideal da língua como algo imutável. Em nosso contexto comunicativo, sabemos que não é comum utilizarmos a língua padrão, as variações sempre estão presentes, e toda essa pressão por uma idealização de uma língua perfeita sem “erros” faz com que o falante se sinta cada vez mais excluído de sua língua nativa e materna como podemos verificar a seguir, segundo Bagno (2009, p. 54),

O grave problema, como temos visto, é que para atender essa demanda de um ideal linguístico surgiu, ao longo da história, a ideologia purista, que tenta fixar esse ideal em bases impossíveis de alcançar, quase sempre irracionais, distantes da realidade dos usos da língua, numa estratosfera imaginária mais longínqua do falante comum do que os anéis de Saturno.

Infelizmente, por mais que nos empenhemos em nos encaixar nesse padrão linguístico da gramática normativa, é incoerente afirmar que conseguimos absorver todo o conjunto de regras gramaticais pré-estabelecidas, até para profissionais da língua, autores literários, ou gramáticos, é impossível.

Essa busca por um ideal linguístico é defendida pela visão e perspectiva estrutural da gramática normativa, a língua é vista como homogênea, ou seja, não há variação, flexibilização, muito menos mudança. Entretanto, isto não quer dizer que os linguistas defendem a exclusão do ensino ou uso da gramática normativa de maneira definitiva como muitos apontam, eles apenas defendem o quanto existem várias lacunas e também o quanto de fato não contemplam a oralidade dos falantes. As variações, por exemplo, para os gramáticos, são consideradas muitas vezes como meros “erros de português” tanto na língua falada como principalmente na língua escrita, para eles tais variações são consideradas inadequadas em qualquer situação comunicativa, e a única língua existente de forma correta é a norma padrão. Muitos ainda encontram-se entrelaçados na ideologia da escrita literária, ao status social de prestígio que muitos acreditavam que este tipo de escrita tinha.

Nessa modalidade de uso da língua, era comum encontrarmos uma linguagem mais formal, que na época era sinônimo de um tipo de patrimônio cultural, social e patriarcal. A formalidade era vista como algo pertencente às camadas sociais mais privilegiadas socioeconomicamente, uma vez que quem mais consumia este tipo de literatura eram as pessoas que possuíam um poder aquisitivo mais elevado. Esse tipo de sistema mecânico da língua desconsiderava de certa forma tudo que fosse diferente daquilo que se era esperado pela norma-padrão, as variações eram camufladas e não eram abordadas em sala de aula pelos professores. Tal sistema perdura até a atualidade quando vemos professores supostamente “obrigados” a ensinar a língua portuguesa pela perspectiva apenas da gramática normativa sem contemplar o uso real que os alunos fazem da língua. Assim como a sociedade é heterogênea, os falantes que a habitam também são, cada pessoa possui suas características próprias tais como sua religião, seu modo de viver, sua cultura, sua personalidade, etnia, entre outros, com a língua não poderia ser diferente. A língua é um tesouro social, cultural e pessoal de cada falante, e é através dela que podemos nos expressar, então é possível que cada falante tenha o seu próprio repertório comunicativo, pois ela se faz presente em todas as interações sociais do falante, se faz presente em todos os momentos de individualidade e coletividade do falante, e deve ser vista e abordada como objeto de inclusão e não de exclusão pela linguagem.

2.2 Que tipo de variações linguísticas existem?

Como já discutimos, a variação linguística nada mais é que um processo natural da língua, fruto da sua dinamicidade e heterogeneidade, e, portanto, não são “erros linguísticos” ou a “forma errada de falar”. As variações podem ocorrer por vários fatores entre eles, sociais, regionais, culturais, entre outros, como iremos nos aprofundar mais a frente. Devemos desconstruir a ideologia de que as variações são algo negativo, quando na verdade é apenas algo natural no discurso, uma vez que o falante faz uso delas diariamente em seus momentos de interação social.

O sistema de variações não nasceu do nada ou de um ponto superficial, ele sempre existiu através de um sistema próprio de cada falante, geralmente o falante que faz uso destas variações por mais que não siga as “regras” determinadas pela norma padrão, se faz compreender em seu discurso, e isso para ele é o que realmente importa. Geralmente ao se expressar em qualquer processo de interação, mesmo que não haja um conjunto de palavras formais tidas como “corretas,” o

falante utiliza uma linguagem simples, informal, porém compreensiva, ou seja, o uso das variações não interfere em nada na interlocução do falante, pelo contrário, apenas faz as adequações devidas para que o interlocutor receba a mensagem de uma forma mais acessível.

As variações podem se desenvolver a partir de influências internas e externas da língua, isto é, ela não ocorre por acaso, mas, sim por vários fatores, entre eles podemos destacar a influência da estrutura e normas regidas pela linguagem padrão. Já entre os fatores extralinguísticos, podemos destacar o sexo/gênero do falante que pode ser masculino ou feminino, a idade na qual pode ser referir as variadas gerações desde criança, adultos, idosos, sem restrições, localidade ou espaço geográfico, ou seja, local característico onde o falante vive, status socioeconômico que se refere à situação econômica e financeira do falante, o grau de escolaridade que está relacionado ao nível de escolarização, ao acesso à educação que esse falante teve ao longo da vida, sua vida profissional, e a comunidade de fala em que vive pois em ambos os casos o falante terá contato constante com outros interlocutores que na maioria das vezes se fará presente em seus momentos de interação comunicativa (BAGNO, 2007; 2009).

A língua apresenta uma gama de possibilidades de uso, advindas das variações, que nos permitem abranger as mais diversas formas de comunicação. Com base nas discussões de Bagno (2007), podemos apontar que tais variações linguísticas, existem e podem ser classificadas em:

Os **dialetos** que indicam a coletividade de variedades pelo modo característico como a língua irá se manifestar em determinadas regiões geográficas. Assim, em certas comunidades de fala, a maioria dos falantes tem seu próprio e característico modo de falar como, por exemplo, em cidades como o Rio de Janeiro e Recife, por exemplo, alguns fonemas são pronunciados de uma forma mais sonora, com um certo chiado (*txia*), diferente de outros locais, como na Paraíba, em que o mesmo fonema é pronunciado de forma mais oral e sem o chiado (*tia*).

Tem-se também o **socioleto** que está relacionado a um determinado grupo social, que costuma possuir as mesmas características e hábitos culturais e sociais. Nesse contexto, os falantes que vivem em um determinado grupo social e socioeconômico geralmente fazem uso de variações linguísticas parecidas justamente por seu âmbito de convívio ser igual. Um exemplo dessa variante são os jargões, ou seja, expressões próprias de grupos específicos de contextos profissionais, tais como: advogados, médicos, executivos dentre tantos outros.

Outro tipo de variantes são os **idioletos**. Sobre estas, o autor diz que é uma forma própria que o indivíduo, um modo característico, individual e pessoal de se comunicar. A partir dessas variantes, o falante faz uso de seu discurso da maneira que se sentir mais à vontade, de maneira própria e única. É quando o indivíduo produz suas próprias variações. E o **cronoleto**, que faz parte da variedade que está presente de acordo com as gerações, ou seja, com a faixa etária de cada falante. Um exemplo dessa variante são as gírias, que geralmente são características da linguagem dos adolescentes e jovens, tais como: “*trollar*”, “*rolê*”, “*vacilar*” etc. Vale ressaltar que tais gírias vão sendo substituídas com o passar do tempo, e algumas até deixam de ser utilizadas com tanta frequência, a exemplo de: “*à beça*”, “*boa pinta*”, “*brotinho*” etc.

Sabemos que são muitas as possibilidades e variedades possíveis, pois a língua se modifica e é moldada pelos falantes de acordo com as necessidades de comunicação, as variações também fazem parte disso. Elas podem transitar por diversos aspectos da língua, tais como os morfológicos, sintáticos, lexicais, entre

outros. Como vimos, as variações podem ser classificadas em diversos tipos, e também podem ser resultado de evolução ao longo dos anos, a exemplo da mudança histórica, a esta denominamos de **diacrônica**. Como exemplo deste tipo de variação temos algumas palavras que eram usadas na antiguidade, porém, foram sendo modificadas e reestruturadas, a saber, a antiga expressão “*Vossa Mercê*”, que hoje tem a forma de “*você*”.

A variação que atribui uma carga comportamental à língua regida por normas adquiridas pelo convívio social e ético, adquiridos por situações de reflexões e aprendizagem em grupos de variadas faixas etárias, a esta variação denominamos de **diafásica**. Um exemplo bastante prático deste tipo variacional é quando uma criança vai se comunicar com uma pessoa idosa, seu avô, por exemplo, o mesmo se dirige ao parente com uma expressão de respeito (*senhor*), por se tratar justamente de uma pessoa que reflete um sentimento parental e afetivo.

Em alguns espaços geográficos, mais precisamente em algumas regiões existem modos específicos de fala, em que muitas vezes é possível notar a questão dos sotaques, dialetos, entre outros, a este tipo variacional, denominamos de variação regional ou **diatópica** que consiste basicamente nas diferentes formas de falar de cada região, estado, centros urbanos e rurais. Como exemplo disto temos a palavra *abóbora* que dependendo da localidade em que for falada pode ser conhecida como *jerimum*, *moranga* etc. Como influência de alguns fatores extralinguísticos como faixa etária, diferenças de classes socioeconômicas, nível e grau de escolaridade, entre outros fatores de cunho social, temos a variação social ou **diastrática**. Este tipo variacional está relacionado também a determinados grupos sociais e como os mesmos fazem uso da língua de maneira diferenciada de acordo com os fatores que a influenciam externamente em sociedade.

A variação classificada como registro proporciona ao falante a autonomia de intercalar pelas linguagens formais, informais e até mesmo mais rebuscadas como as gírias, por exemplo, tudo conforme a situação comunicativa, o grau de formalidade ou informalidade irá depender apenas do contexto interacional, e do meio comunicativo em que ocorrerá o diálogo. Como exemplo, podemos citar uma situação em que um juiz está no tribunal em uma audiência, onde se faz necessário o uso de uma linguagem mais formal, padrão de acordo com o momento, em contrapartida essa mesma pessoa em um ambiente familiar cercado por alguns amigos de infância, em uma situação totalmente diferente da anteriormente citada, desta vez o mesmo se sente mais a vontade para fazer o uso de uma linguagem mais simples, informal, pois nesta ocasião não há a necessidade de termos mais elaborados, ou seja, o tipo de linguagem irá ter um caráter adaptativo a cada necessidade do falante.

Também temos a variação **diamésica** que se concentra em analisar a língua falada, ou seja, a oralidade com a língua escrita, neste processo os gêneros textuais são abordados de forma a serem comparados entre si. Como exemplo podemos comparar a bula de remédios e uma conversa pelo aplicativo *Whatsapp* ambos são partes de uma língua escrita, porém, um contém uma linguagem mais formal, padrão, enquanto o outro geralmente utiliza de uma linguagem um pouco mais informal.

Todas essas variações demonstram o quanto nossa língua é ampla e diversificada e que cada região do país possui seus dialetos, sotaques e regionalismos, construindo uma brasilidade complexa e rica. Desse modo, a língua não pode ser estudada de maneira isolada, existem inúmeros fatores que contribuem para que haja esse processo de variação como já vimos. Também

podemos notar que a língua não expressa apenas palavras, ela atribui um conjunto de características que determinam como o falante é e quem ele é. Ela pode ser expressa de forma oral e escrita em uma linguagem mais formal ou informal e nada disso interfere na concordância comunicativa, e é isso que se deve levar em consideração. Também podemos afirmar que a variação, vai muito além de apenas variantes e variáveis, elas são ocasionadas por inúmeros fatores. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 49),

Podemos, então, dizer que a variação lingüística depende de fatores socioestruturais e de fatores sociofuncionais. Mas não podemos nos esquecer de que aquilo que a gente é influencia aquilo que a gente faz. Então, na prática, os fatores estruturais se inter-relacionam com os fatores funcionais na conformação dos repertórios sociolinguísticos dos falantes. Além disso, ao estudarmos a variação lingüística, levamos em conta, também, fatores da própria língua — fatores lingüístico- estruturais, tais como o ambiente fonológico em que o segmento que está em variação ocorre, a classe da palavra, a estrutura sintática etc. Em suma, os fatores lingüístico-estruturais (sic passim) podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e até discursivos.

A partir dessas informações, podemos compreender melhor porque ocorrem essas variações e que elas possuem suas próprias características. Também entendemos que a língua é muito complexa e repleta de entrelinhas nas quais refletem no nosso modo de falar. São inúmeros os tipos de variações que se fossem citadas detalhadamente, teriam que ser abordadas em um estudo específico a parte, e mesmo assim talvez ainda não suprisse todas as indagações. A língua portuguesa é tão rica em diversidade que não deveria ocorrer essa distinção e divisão em norma padrão e norma não padrão, como sabemos não dá para fazer uma “exclusão” de nenhuma das duas, pois ambas se fazem presente em algumas situações em que ocorrem alguns tipos de variações, pelo contrário ambas se complementam entre si, tornando o repertório linguístico amplo.

O problema não se encontra nas variações, e sim nas adequações, não é errado fazer uso delas desde que haja o bom senso de adequá-las a cada situação comunicativa. Os falantes constroem seus próprios ideais de linguagem ao longo da vida, e ao contrário do que muitos defendem, não é errado escolher a forma que o falante quer ser expressar.

3 O ENSINO DE PORTUGUÊS E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

Quando falamos em variações linguísticas para muitos ainda vem à ideologia do famoso “falar errado”, “erros gramaticais”, “erros de linguagens” entre outras associações que geralmente são ligadas a uma carga de negatividade. Diante disto, como não falar em língua sem mencionar o preconceito linguístico que cerca nossa sociedade há anos? Para quem já sofreu com piadas, humilhações ou comentários maldosos envolvendo seu sotaque, dialetos, entre outros, sabe o quanto esse tipo de preconceito afeta o emocional e intelectual do falante. Uma discriminação que resulta desse tipo de preconceito é a xenofobia, no qual consiste no ataque e repúdio a qualquer pessoa que seja de outra localidade, que possua costumes,

cultura ou até mesmo a linguagem diferente da do praticante de tal ato. Tal preconceito também ocorre no âmbito escolar, quando o aluno que vem de uma comunidade de fala de uma determinada zona rural, por exemplo, ingressa em uma sala de aula e se depara com o ensino da norma padrão como sendo a única variante correta. Isso pode tanto ser trazido por alguns livros didáticos, quanto já estar impregnado na abordagem didática e sequência de atividades proposta pelo professor.

Essa perspectiva de uma língua sem “erros”, uma língua “correta”, faz com que o aluno se sinta estigmatizado dentro e fora da sala de aula pelo simples fato de o seu jeito de falar ser diferente. Desde a antiguidade, o ensino de língua portuguesa sempre foi voltado para normas gramaticais, o sistema mecânico pronto e codificado, descontextualizado. Alguns dos gêneros textuais como as tirinhas do personagem Chico Bento, por exemplo, eram expostos no material didático como forma de “corrigir” a oralidade e escrita dos alunos, sem ao menos levar em consideração a diversidade linguística que ele possui (BAGNO, 2013).

O preconceito linguístico surge na sociedade quando os falantes fazem uso das variações e por muitas vezes são ridicularizados, quando tem sua moral e capacidades cognitiva e intelectual colocadas em julgamento, em avaliação. Em sala de aula também não é diferente, pois, quando o professor diz que o aluno não sabe falar de maneira correta, não sabe se expressar, por exemplo, tal preconceito pode se fazer presente nesse contexto.

A pressão por uma escrita perfeita é tão grande, que muitas vezes o alunado se sente estigmatizado, excluído do ambiente escolar e da comunidade em que vive. Há alguns anos, as escolas em sua maioria ficavam localizadas nos centros urbanos o que fazia com que apenas os mais “privilegiados” tivessem acesso a ela e, conseqüentemente, acesso à leitura e escrita (letramento escolar). Por força do êxodo rural, muitos alunos, que vinham do campo, foram ter seu primeiro contato com o contexto educacional com a democratização da educação em que na teoria todo e qualquer alunado deveria frequentar a escola. Com essa democratização o número de alunos aumentou, porém, de maneira desorganizada contribuindo assim para uma sala de aula lotada, sem preparação e com um sistema de ensino ainda mais falho (BAGNO, 2007).

Alguns adeptos do ensino tradicionalista da língua defendem que a gramática é a única forma correta de ensino, e aqueles que não se encaixam neste processo são considerados como incapazes, de certa forma como “deficientes linguísticos” permeando ainda mais esse conceito do preconceito. Bagno (2009, p. 48) afirma que,

Os adeptos da tradição purista sempre têm tratado o falante da língua como uma espécie de deficiente, de ignorante, como alguém que não sabe usar direito uma ferramenta que lhe foi dada ou emprestada: a língua. Como se a língua não pertencesse, naturalmente, biologicamente culturalmente a cada ser humano que fala. Esse autoritarismo obscurantista não pode mais ser tolerado no estágio atual do conhecimento científico e da luta pelos direitos humanos.

Não se pode aceitar que em pleno século XXI ainda haja tal tipo de preconceito, mesmo com o advento e informações trazidas pela Sociolinguística. Com os estudos de linguagens relacionados à sociedade, é no mínimo revoltante, a falta de respeito e empatia com que as pessoas tratam os falantes advindos de

classes sociais mais baixas, que não possuem escolaridade, que sejam de origens geográficas diferentes, chega a ser desumano. Pela constituição, o preconceito linguístico ainda é visto como algo superficial, sem leis que assegurem seus direitos enquanto cidadão, então muitas vezes o falante sofre discriminação e até mesmo é marginalizado pelo seu jeito de falar, se vestir, se expressar, entre outros. Em uma sociedade que considera a língua como objeto de “status social” é quase impossível que uma pessoa vinda de uma origem periférica, muitas vezes sem grau algum de escolaridade ou instrução e atrelada a um grupo social específico não sofra preconceito racial, social e até mesmo linguístico. A teoria de que a variedade na língua é produzida apenas e exclusivamente por falantes não escolarizados, analfabetos, contribui ainda mais para que esse tipo de preconceito seja ampliado, quando na verdade as variações podem e são proferidas por qualquer falante seja ele letrado academicamente ou não.

Nas escolas, o preconceito pode se agravar quando geralmente a única língua tida como fator de aprendizagem é a escrita, isso é reflexo de atividades corriqueiras avaliativas que sugerem que o aluno coloque em prática sua escrita através da norma padrão, como em exemplos de produções textuais ou exercícios de aprendizagem, entre outros. No âmbito escolar a língua falada não é tão abordada quanto à escrita e isso ocorre por causa da concepção antiquada de que a língua escrita é reflexo da literatura, do universo literário, do status de poder aquisitivo cultural e intelectual. Nos estudos sobre linguagens, a literatura e a linguagem culta eram sinônimos de uma escrita bem produzida, sem os “erros ortográficos” nisto esta perspectiva do alcance de uma língua “perfeita” foi perdurando de geração em geração até a atualidade.

Com toda a atenção dada à idealização da língua escrita, a língua falada foi aos poucos deixada de lado e só com o surgimento da Sociolinguística é que a língua falada foi ganhando mais espaços e visibilidade nos estudos linguísticos. A falta de conhecimentos das diversidades linguísticas da fala leva o profissional da educação a lacunas na construção da aprendizagem entre professor e aluno, uma delas é a falta de compreensão entre professor e aluno, a falta de relação entre os conteúdos gramaticais e o contexto social e de convívio dos alunos, bem como o preconceito linguístico, como já foi mencionado.

Dito isso, entramos no ponto chave, em que o professor deve aderir em seu contexto profissional ações que reflitam sobre esses aspectos. Sabemos o quanto o planejamento de aulas é importante na vida de um professor(a), bem como ele é um dos seus aliados indispensáveis na hora de planejar os conteúdos programáticos que irão ser trabalhados em sala de aula. Para que um conteúdo seja compreendido pelos alunos, se faz necessário que sejam propostos métodos estratégicos de interação, e discussão sobre essas temáticas. É de extrema importância o planejamento de aulas que abordem o ensino da língua não apenas pela perspectiva da gramática, como também pela perspectiva social da língua de uma maneira real e em uso.

É importante que o professor discuta com seus alunos que o preconceito linguístico também pode ser visto em camadas sociais mais desfavorecidas ou em determinados grupos sociais como por exemplos os advindos das periferias, moradores de comunidades que, em sua maioria, por fatores culturais e sociais fazem o uso das chamadas gírias. Tal marca da oralidade é bastante comum como marca identitária e cultural, um dos exemplos dessa comunidade de fala, são os funkeiros, que em seu grupo social e contextual, em sua oralidade e na sua escrita (em suas letras de canção) fazem o uso de neologismos e de gírias fortemente

marcadas. Devemos desconstruir esses estereótipos com barreiras imaginárias de avaliação das maneiras corretas e incorretas de se falar, devemos ter em mente que não existe uma única e exclusiva língua correta, e sim uma língua diversificada e repleta de possibilidades. É então motivados por essa necessidade de intervir para conscientizar, que iremos apresentar a seguir como o professor pode discutir sobre todas essas questões a partir do gênero musical funk.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, que segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 34) é aquela que “[...] procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Dessa maneira, o presente trabalho teve no primeiro momento uma reflexão sobre o fenômeno da variação linguística e o preconceito linguístico, e nesse tópico iremos apresentar uma proposta de intervenção que pode ser aplicada em turmas do ensino médio, pois a carga teórica de certa forma é mais diversificada e o nível de maturidade é mais abrangente, tendo como base mais especificamente o uso do gênero musical funk. A escolha de tal gênero teve como objetivo principal demonstrar, desmitificar e desconstruir o estereótipo de que a linguagem utilizada nas letras musicais e no meio social envolvido é marginalizada, vulgar, desqualificada, pelo fato de possuir gírias e termos informais, característicos do contexto social e cultural em que são produzidos pelos compositores e músicos.

Muitas das letras musicais são feitas como forma de crítica social como forma de gerar reflexões e demonstrar a realidade das pessoas que moram nas periferias, de como vivem, das dificuldades do cotidiano, da violência, da desigualdade social que muitas vezes não é exposta pela mídia, da invisibilidade social, dos sonhos e esperança de moradores de comunidades carentes, de crianças que visam através da música, educação, arte, entre outros, uma chance de melhoria na qualidade de vida. Isso tudo é exposto nas letras musicais mais especificamente no chamado funk consciente, no qual como o nome já diz, tem como objetivo conscientizar através da música as problemáticas vividas por um determinado grupo social que por muitas vezes é discriminado, marginalizado, e exposto a vários tipos de preconceitos.

4.1 Proposta de intervenção a partir da letra de funk

O funk sugerido para esta intervenção é o **“Aonde nós chegou”** dos cantores conhecidos como MC Menor MR e MC Dede. A escolha da letra desse funk se justifica porque⁴ demonstra, defende e expõe causas e problemáticas sociais, tais como: a desigualdade vivida pelas pessoas mais humildes, principalmente os moradores de comunidades carentes, o descaso com que os governantes lidam com essas pessoas, a realidade vivida pelas comunidades brasileiras, a violência, a invisibilidade social como também demonstra a outra vertente positiva como a oportunidade de viver um sonho através da música, a possibilidade de “sonhar” e almejar um futuro digno, a valorização e desconstrução do preconceito social, entre

⁴ Anexo.

outros. Sendo assim, elaboramos uma atividade que poderá ser aplicada em quatro etapas. A seguir iremos descrever como essas etapas podem ser desenvolvidas.

1ª etapa: No primeiro momento, como introdução, o professor pode fazer a exibição de um vídeo. Para esta etapa sugerimos três opções de vídeos⁵ que retratam questões relacionadas ao preconceito linguístico e de como este tipo de preconceito ainda é bastante presente em nossa sociedade. Em todos eles vemos pessoas fazendo o uso de gírias e de variações linguísticas, bem como o contexto social em que ocorrem. A partir disto, o professor pode levar os alunos a refletir, analisar e discutir em sala, de forma contextual e coletiva, como tais termos linguísticos são abordados em sociedade, suas características, entre outros. Também pode ser apresentado como tais gírias fazem parte de determinados grupos sociais, como elas estão relacionadas a questões identitárias e como elas fazem parte da tão falada, variação social. Para uma melhor compreensão deste tipo variacional, também podem ser discutidos os fatores externos que contribuem para que a gíria ocorra, bem como as demandas sociais relacionadas a ela.

2ª etapa: Para retomar a discussão sobre os pontos já abordados na primeira etapa, dando continuidade, neste momento, o professor pode apresentar o conceito teórico do que se trata a variação linguística em si, de todo seu processo, o porquê de tal fenômeno existir, seus diversos tipos, enfim de todas as suas nuances. Em seguida, seria interessante colocar o áudio com a música para que toda a turma possa ouvir e logo em seguida distribuir entre os alunos a letra musical impressa do funk escolhido e através da mesma levá-los a fazer uma análise buscando identificar as gírias utilizadas na canção. Após isso, refletir juntamente com a turma acerca de seus significados, se são termos que usam no cotidiano, se já tinham ouvido alguém utilizar tais termos, qual a importância de tais termos no processo de construção e composição da música.

Para que tal metodologia alcance êxito, e para que os alunos se sintam confortáveis e abertos ao diálogo, pode ser proposta a formação de um círculo com as cadeiras, e para que houvesse uma reflexão ainda mais profunda e com criticidade, pode-se abordar e debater também acerca das temáticas sociais expostas na música trabalhada. Entre esses temas, pode ser debatido: a luta por direitos igualitários para todas as classes sociais, a questão da desigualdade social como já foi citado anteriormente, as gírias e a linguagem usada no contexto social em que o gênero musical está inserido, bem como a desconstrução do estereótipo de linguagem “marginalizada”, entre outros, fazendo relação com o cotidiano e a realidade da turma e principalmente uma conexão também com a sociedade atual.

Após essa reflexão sobre os elementos variacionais e sobre as temáticas abordadas no funk na aula anterior, pode ser solicitada à turma a produção de um comentário reflexivo e crítico sobre a análise da variação presente no funk escolhido fazendo uma ponte com as questões sociais já discutidas na sala de aula.

3ª etapa: Nesta etapa, seria interessante o professor iniciar comentando as produções feitas na aula anterior e devolvê-las aos alunos, lidas e revisadas, como forma de um feedback do que os mesmos compreenderam e expuseram em seus escritos. Após isso, o professor pode propor uma oficina pedagógica, com a confecção de cartazes que ilustrassem algum aspecto relacionado às temáticas discutidas, valorizando assim as variações existentes em nossa língua, permitindo desmitificar e desconstruir a ideologia de “certo e errado” e possibilitando a turma ampliar seus conhecimentos a respeito da nossa língua materna. Para tal, os alunos

⁵ <https://youtu.be/YDDeBLxKwrs>; <https://youtu.be/8MkL4RREBBc>; <https://youtu.be/-L0H8r4xqxs>

seriam divididos em pequenos grupos e poderiam ser distribuídas cartolinas entre eles para produzirem o gênero.

4ª etapa: Essa etapa seria destinada à exposição cultural dos cartazes que os grupos confeccionaram. Poderia, inclusive, convidar antes da aula outras turmas para assistirem à apresentação, e cada grupo faria uma breve explicação da temática que escolheu abordar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos estudos e pesquisas que deram origem a este presente trabalho, podemos estabelecer o quanto a língua é flexível, variável, mutável e adaptável ao tempo, ao contexto comunicativo e principalmente aos falantes, pois como sabemos não existe língua sem falante, ambos são inerentes e inseparáveis. A todo esse processo, devemos agradecer, pois é através dele que podemos contemplar a riqueza da nossa diversidade linguística.

A língua é composta por inúmeras variações e isto é completamente compreensível, não existe uma língua “perfeita”, regida por um “status” ou por uma convenção gramatical que privilegia apenas a norma padrão como “correta”, o que realmente existe é o uso real da nossa língua. Não devemos criar “barreiras” ou divisões de pessoas pela forma como elas se comunicam, pois como sabemos cada falante possui uma história de vida, e características individuais que não cabem a ninguém julgar. As variações não ocorrem do nada, elas são frutos de fatores sociais e linguísticos, o que nos faz refletir a importância de tais temáticas em sala de aula.

Enquanto profissionais da educação, futuros professores/as, devemos nos conscientizar em levar para sala de aula artifícios, estratégias, propostas e possibilidades de aulas interativas, humanizadas que tenham como objetivo proporcionar ao aluno(a), um ensino inovador, atrativo, fugindo do ensino mecânico da língua, enquanto apenas um sistema gramatical. Devemos contextualizar e também valorizar a língua na prática e não apenas na teoria.

A partir desta proposta de intervenção, esperamos poder contribuir de alguma forma com a lida docente através do gênero musical proposto. Reforçamos que o principal objetivo das discussões e da proposta foi expandir a desconstrução do preconceito linguístico em sala de aula e na sociedade, e para isso podemos destacar a importância de trabalhar essas temáticas a partir das discussões e reflexões entre alunos e professores.

Por fim, concluímos que a perspectiva variacional vem ganhando mais espaço no espaço educacional, porém, o ensino ligado a gramática normativa ainda se encontra enraizado em nossas salas de aula, isto está relacionado ao sistema de ensino empoçado na vertente tradicionalista. Todavia, cabe a nós professores/as fazermos nossa parte demonstrando na prática e fundamentando nossos argumentos com os defensores da sociolinguística, defendendo a ideologia de que não há erros na língua e sim adequações.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CEZARIO, M.M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.
- CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157- 176.
- KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 127- 140.
- WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial. 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BAGNO, M. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56.ed. revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BEZERRA, Sandra Maria de Farias. **A variação linguística retratada nas canções de Luiz Gonzaga**. 2013. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, Paraíba, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16529420-A-variacao-linguistica-retratada-nas-cancoes-de-luiz-gonzaga.html>. Acesso em: 02 fev. 2021.

CASTRO, Sheila Assis de. **Análise da gíria na música “Vida Loka 1” do Racionais MC’S**. 2015. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://docplayer.com.br/33210959-Universidade-estadual-paulista-julio-de-mesquita-filho-faculdade-de-ciencias-e-letras-de-araraquara-sheila-assis-de-castro.html>. Acesso em: 02 fev. 2021.

DIONÍSIO, A. P. Variedades Linguísticas: Avanços e Entraves. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português**: múltiplos olhares. 3.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 21-34.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Ensino de Língua: uma Questão Pouco “Falada”. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. **O livro didático de português**: múltiplos olhares. 3.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 21-34.

SÁ, Marcelo da Silva; SOBREIRA, Maria Francisca Moreira. O falar sertanejo presente na música nordestina. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 20, set/dez. 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/60sup/142.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SOUZA, Ianne Maria Lima de. **A variação linguística na música de Gonzaguiana**. 2012. 58f. Monografia. (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, Paraíba, 2012. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/16737>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SOUZA, José Peixoto Coelho de; ANDRIGHETTI, Graziela Hoerbe. A canção de funk carioca no ensino de Português como Língua Adicional: uma proposta de material didático. **Revista Leitura**, n. 55, p. 41-66, jan/jun. 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2307>. Acesso em: 02 fev. 2021.

APÊNDICE

PLANO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Conteúdo programático: Variação Linguística a partir do Funk

Público-Alvo: Ensino Médio

Duração: 4 (quatro) etapas

Objetivo geral: Discutir sobre as variações linguísticas e o preconceito linguístico a partir do gênero musical funk.

Objetivos específicos:

- a) Apresentar o conceito teórico sobre o que são as variações linguísticas fazendo relação com a prática, ou seja, com o uso real da língua.
- b) Refletir e abordar o uso da língua através dos diversos tipos de variações presentes nos diversos contextos sociais, regionais e culturais.
- c) Promover um debate discursivo a partir do gênero musical funk atrelando o fenômeno variacional a questões sociais ligadas ao gênero.
- d) Analisar os diversos fatores extralinguísticos que influenciam para que ocorra tais variações.
- e) Desconstruir o “estereótipo” de certo e errado gramaticalmente por meio da linguagem oral abordando assim consequentemente o preconceito linguístico.
- f) Demonstrar o uso real da língua por meio das variações como forma e característica de valorizar as diferenças linguísticas, culturais, sociais e regionais.
- g) Valorizar as diferenças culturais, regionais, sociais e linguísticas.

Metodologia: Aula expositiva e dialogada; Debates coletivos, construtivos e reflexivos.

Avaliação: Produção textual (comentário reflexivo) sobre as temáticas abordadas; Confecção e apresentação de cartazes ilustrativos sobre o conteúdo abordado.

Recursos didáticos: Letra da música impressa, vídeo, recursos audiovisuais tais como: caixas de som, retroprojektor, notebook, entre outros.

ANEXO

Menor MR e MC Dede - Aonde Nós Chegou (kondzilla.com)

LETRA:

Muita fé em Deus
De Osasco pro mundo
É o Menor MR

Olha aonde nós chegou valeu a pena esperar
Ontem era apenas sonhos hoje podemos desfrutar
A favela puxa o bonde é só menor disposição

Crescido veio da lama maloqueiro sangue bom
Ele encantou a quebrada com o seu talento raro
E foi se destacando guerreiro mente blindado
Virou o comentário na bancada os vagabundo
E até elas se emocionam ao me desbravando o mundo

Desculpa por todas as mancadas se deixei a desejar
Prometo ser diferente chegou a minha vez de brilhar

Só Deus sabe o quanto eu já sofri e tudo o que a gente passou
Obrigada minha coroa eu te amo

Olha aonde nós chegou valeu a pena esperar
Mantendo apenas sonhos hoje podemos desfrutar

Por dinheiro eu não me corrompi
Faço grana com a voz
Eles podem errar quem não pode errar é nós
Passei por cima de ninguém pra obter o meu sucesso
Forte abraço parceiro nós é o certo pelo certo

Só Deus sabe o quanto eu já sofri e tudo o que a gente passou
Obrigada minha coroa eu te amo

Olha aonde nós chegou valeu a pena esperar
Mantendo apenas sonhos hoje podemos desfrutar

Olha aonde nós chegou valeu a pena esperar
Mantendo apenas sonhos hoje podemos desfrutar

Muita fé em Deus
Mc Menor MR conexão com MC Dede
Tamo junto RD, forte abraço
É nós MR
Pega a receita

AGRADECIMENTOS

Ao longo deste trabalho, imaginei como seria finalmente este momento, pois ninguém consegue conquistar seus sonhos sem a presença de pessoas especiais, que sempre permaneceram e permanecem ao seu lado, lhe incentivando e acreditando em você e em seus sonhos, sejam eles quais forem, até mesmo aqueles que parecem os mais “loucos” e impossíveis. Pessoas que acreditam em você, quando ninguém mais acredita. A partir disso é extremamente necessário e justo através destes escritos fazer uma simples e singela “homenagem” em forma de agradecimentos, como gesto de gratidão.

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu Deus, que sempre esteve ao meu lado, me concedendo sabedoria, paciência (nos momentos difíceis fazendo com que eu não desistisse jamais), determinação para ir em busca dos meus sonhos, e coragem quando em momentos eu sentia como se sua voz me dissesse: Filha, eu estou aqui, vai chegar sua vez, eu não te esqueci! Assim como a música, “minha vez”! E sim, minha vez chegou, para honra e glória dEle, apenas dEle! Ele foi o primeiro a acreditar em mim, quando eu mesma desacreditei. A Ele também peço que me permita ser uma profissional competente, responsável, mas acima de tudo empática e sábia. Também peço que este ciclo que se encerra não seja apenas um ciclo de mais uma etapa concluída, mas também seja uma ponte para uma jornada de novos começos e aprendizados, pois afinal é de evolução e aprendizagem que o ser humano se torna alguém bem melhor.

Gratidão aos meus amados e queridos pais, conhecidos carinhosamente por Cida e Manau, minhas riquezas, que com humildade me ensinaram coisas que diplomas e dinheiro nenhum conseguem comprar, valores essenciais à vida, tais como generosidade, honestidade, caráter, empatia, entre outros, que um livro repleto de páginas brancas não seria suficiente para adjetivar. Também agradeço pela confiança, amor e incentivo que sempre foram atribuídos a mim por parte dos mesmos.

Ao meu esposo, pelo apoio e compreensão durante toda essa trajetória de mais de quatro anos, agradeço.

À minha querida professora e amiga Danielle dos Santos Mendes Coppi, que com seu jeitinho sempre tão carinhoso e paciente, foi sem dúvidas, uma das primeiras pessoas que mais acreditou em mim. Uma das minhas fontes de inspiração pessoal e profissional, pessoa responsável por me apresentar o mundo da sociolinguística, e o autor Marcos Bagno, por quem tenho um grande apreço. Este trabalho não seria possível sem ti e teus valiosos ensinamentos, conselhos e gestos de carinho.

À minha querida e amada orientadora Karla Valéria Araújo Silva, ser humano ímpar, que no momento em que me encontrei perdida, foi e sempre será minha luz norteadora. Agradeço pelo ser humano e profissional que és. Sempre dedicada, competente, gentil e responsável. Obrigada pelos ensinamentos, pelo apoio, pelos conselhos e palavras reconfortantes, pela confiança depositada em mim. És fonte de inspiração, como costumo dizer a ti, um anjo que Deus enviou para me auxiliar quando mais precisei.

A todos os professores desde o começo da minha educação básica até à atualidade em minha formação acadêmica e superior, o meu muito obrigada, pois o professor(a) é o alicerce de nossa formação educacional ao longo da vida, a profissão que forma todas as profissões.

Às minhas queridas e amadas avós, Maria e Irene, pelo exemplo de mulheres guerreiras e fortes que são, e por sempre estarem ao lado de nossa família em todos os momentos.

Aos amigos e familiares que me apoiaram, me incentivaram e demonstraram carinho por mim. Em especial, ao meu quarteto lindo, as minhas meninas, que compartilharam comigo de alguns momentos na faculdade, momentos esses inesquecíveis repletos de carinho e amizade recíprocas, nas pessoas de Aline, Tharcilla e Rosi.

Por fim, mas não menos importante, à banca examinadora representada pelos professores: Danielle dos Santos Mendes Coppi e André Luiz Souza da Silva. Agradeço por aceitarem o convite de participarem como examinadores, pela confiança e contribuição na construção de novos conhecimentos. A vocês todo meu respeito, carinho, admiração e o meu muito obrigada.